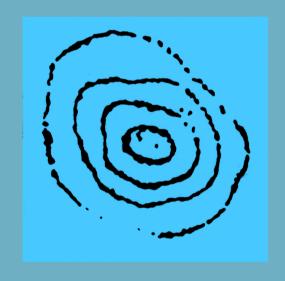


Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Depoimento de Maria José Martins



Vila Velha de Ródão, 2011

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

# Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

#### Sumário

Evocando a figura de José Baptista Martins, reúnem-se alguns elementos da sua vida pessoal e do seu modo de viver a Cultura, para caracterizar o significado da acção da Câmara sob a sua Presidência, na preservação do património arqueológico do Tejo, e com o desígnio de que a cultura constitui um elemento integrante do processo de desenvolvimento.

Apresentam-se alguns momentos do seu trajecto de vida, quer nos anos de formação e na vida social, quer num longo e intenso percurso profissional, em que os seus interesses culturais se conjugaram com os princípios e as práticas da cidadania.



Figura 1. José Baptista Martins, estudante Em Coimbra, cerca de 1936.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

Estamos a celebrar a preservação das gravuras rupestres do Tejo e pedem-me um testemunho sobre o interesse e a acção do meu Pai, José Baptista Martins, com a História e a Cultura. Tanto a dizer!

O relato de memórias de uma filha sobre o seu Pai não é um exercício fácil. As memórias estão marcadas pelo afecto, e é preciso recusar a idealização, para lhes organizar um significado.

Inspira-me o título de um texto de despedida em memória do meu Pai então recentemente falecido, publicado por Fernando Paulouro das Neves: Na morte de José Baptista Martins - Um autarca que amava a cultura<sup>1</sup>.

# Os anos de formação e a intervenção cívica e cultural

*Um autarca que amava a cultura* foi, forçosamente, **uma pessoa** que amava a Cultura, uma pessoa **de cultura**.

Viveu os seus anos de formação, na conturbada década de 20 do séc XX, criado numa família fortemente inserida na comunidade rural do Fratel e daí, para o liceu de Castelo Branco, seguindo depois para a Escola do Magistério Primário de Coimbra (a numerosa prole de irmãos e de primos, numa ampla família alargada de economia comum, não permitiu a nenhum dos mais velhos inscrever-se num curso universitário, mais longo e de maior despesa).

Sempre se referiu a esta Escola como muito marcante na sua formação. Com o plano de estudos de três anos, introduzido pelo Regime Republicano, e sustentada por um corpo docente de elevado nível, tornou-se aberta a modernas correntes pedagógicas e científicas, integrando métodos e conteúdos que nessa época se instalavam nos sistemas escolares mais avançados. Precisamente no ano de 1937, o mesmo em que terminou o curso (com uma classificação elevada), essa Escola foi a primeira a ser encerrada pelo Regime do Estado Novo, iniciando-se então um período obscuro para as escolas e para a preparação de professores.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Jornal do Fundão, 29.08.1997, página 2.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

Com aquela energia positiva que lhe conhecemos foi, desde jovem, alguém que tendia para a actividade e a intervenção nos lugares e nas comunidades em que viveu.



Figura 2. 1º Comandante dos Bombeiros Voluntários da Golegã, em 1942.

Desde a montagem de peças de teatro com os primos e outros companheiros juvenis, numa improvisada "Casa das Comédias" do Fratel, e a participação na *Tuna Académica de Coimbra*, muito marcante na sua formação musical, foi um participante activo na organização de várias colectividades e na sua mobilização.

Podemos citar a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Golegã, de que foi o 1º comandante quando da sua refundação, em 1942 (tinha 25 anos), a Sociedade Filarmónica de Fratel, apagada havia já largos anos, quando a reanimou nos anos 40, tal como a Cooperativa de Pequenos e Médios Agricultores de Fratel, criada em 1976.

Em Évora, onde trabalhou 5 anos na Direcção Escolar, integrou-se desde os primeiros tempos, nos círculos culturais mais activos, como o *Grupo Pró Évora* (uma das mais antigas associações portuguesas de defesa do património) e o *Teatro Garcia de Resende*, venerável instituição cultural da cidade. Foi também nesse período que o seu interesse pelas moedas antigas (iniciado na descoberta fortuita de moedas romanas e de outras épocas no Fratel) se converteu em coleccionismo.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

#### A cultura vivida, uma vida de cultura

Outro aspecto a referenciar é o da sua relação com os livros. Na verdade, a biblioteca constituída ao longo de uma vida inteira por uma pessoa é, em si mesma, uma fonte para traçar o seu retrato.

Eis aqui um jovem professor de uma zona rural, nos anos quarenta, ultrapassava o isolamento pela leitura. Assinava publicações que chegavam regularmente pelo correio, em fascículos ou em opúsculos de colecções de divulgação científica, como as veneráveis edições *Cosmos* e *Inquérito* e pelo fornecimento constante na Livraria Semedo de Castelo Branco e mais tarde na Nazareth de Évora. Eram publicações com amplas temáticas: a obrigatória temática da Educação, até ao fim da vida, a par da Literatura e de assuntos culturais (havia por exemplo, um curioso dicionário de óperas, com informação sobre as tramas dramáticas, os compositores, os libretistas).

E manteve uma profunda relação com a cultura local.

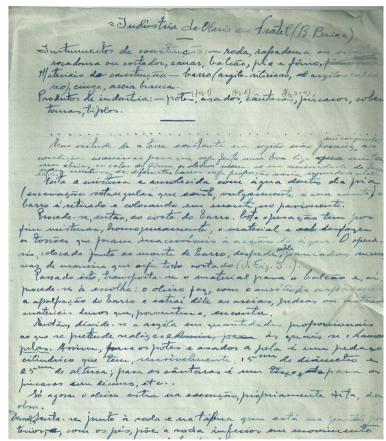


Figura 3. Início do registo etnográfico da actividade de olaria em Fratel, c.1945.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

Encontrei numa das suas pastas, um curioso registo de natureza etnográfica, com o título *Indústria de Olaria em Fratel (B. Baixa)*. Tratase de um manuscrito não datado, com uma caligrafia que poderei situar no início do seu estabelecimento no Fratel, nos anos quarenta.

Teria intenção de fazer mais registos semelhantes? Lembrando-me eu do reportório de contos tradicionais, poesia popular, anedotas e "chalaças" que ele sabia, bem podemos lamentar que não tivesse podido organizar mais recolhas dessa natureza sobre a cultura tradicional local.

Este eclectismo não representava uma atitude superficial perante as coisas do conhecimento, e muito menos uma visão elitista da cultura. O meu Pai, se sabia de cor dezenas de estrofes dos Lusíadas, era porque desfrutava sinceramente a linguagem de Camões, se tocava viola em casa quase quotidianamente, era por um profundo prazer com a música e com a harmonia que ela proporcionava entre as pessoas. Se visitava

monumentos com uma energia inesgotável, é porque buscava sempre as referências históricas dos lugares e não conseguia resistir ao instinto de conhecer mais e de levar os outros a observar, a relacionar, a pensar, a usar a memória.



Figura 4. Fotografando a capela da Senhora dos Castelo, 1985.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

Foi um "buscador" incansável de conhecimento e os seus interesses culturais situavam-se em múltiplos domínios. O seu percurso de vida teve essa forte marca da cultura, porque nele os conhecimentos eram verdadeiramente articulados, para se incorporarem, por sua vez, nas experiências vividas.

# Um desígnio para o concelho

E apareceram as gravuras do Tejo...

Cabe aqui evocar a figura do Dr. Paulo Caratão Soromenho, um insigne conhecedor da cultura local, na linha da primeira geração da etnologia em Portugal, e um homem de formação histórica e de cultura humanística. No Fratel, e com a presença em férias do seu genro (Francisco Sande Lemos, então um jovem estudante de História), desempenhou o importante papel de *avalizar* testemunhos de pessoas que em diversas actividades conviviam de perto com o rio e as suas rochas (pastores, pescadores ou pessoas que no verão mergulhavam o

linho). O prestígio do Dr. Paulo Soromenho, foi um detonador do interesse público sobre valor arqueológico dos desenhos inscritos nas rochas do leito do Tejo.

Em 1971, José Baptista Martins estava em plena actividade no **Instituto** de Tecnologia Educativa. Era o Director Executivo de um sistema de escolarização a distância (a Telescola), que visava alcançar as populações a que o insuficiente sistema escolar não dava resposta. Constituía o único dispositivo que, no campo da Educação em Portugal, concentrava conhecimento, equipamentos, experimentação e actividade na área dos recursos educativos de natureza tecnológica.

Não admira, por isso, que, quando *apareceram* as gravuras rupestres, e no âmbito das suas funções no Instituto, providenciasse de imediato a recolha de imagens, por uma equipa de técnicos do ITE, perante o avanço da construção da barragem e a inevitabilidade da subida das águas. Acompanhei-o num percurso num dos botes do Tejo, com a emoção de reconhecer nesses mágicos desenhos gravados as marcas dos que agui habitaram em tempos antigos, e de os relacionarmos,

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

inevitavelmente, com tantas referências de monumentos megalíticos, de artefactos que havia em nossa casa e de topónimos da nossa região.

O sentimento de perca irremediável era um pouco mitigado por se saber que a Fundação Gulbenkian iria patrocinar a recolha sistemática de moldes em látex.

Mas disso saberão muito mais do que eu, os ilustres arqueólogos que realizaram esse empreendimento e que, ao longo das décadas que se seguiram, não pararam de alargar e aprofundar a recuperação e o conhecimento do conjunto patrimonial em que essas gravuras se integram...

Tenho vivas memórias da sua determinação. Quando foi eleito para a Câmara em 1983, perante os desafios abertos por um mundo de necessidades básicas da população, em todos os domínios.

E desde logo, uma preocupação premente: salvaguardar o reconhecimento do património histórico de Vila Velha, fixando-o no território concelhio.

As gravuras, já então submersas, foram o ponto fulcral dessa premência.

A existência de um Museu de vocação arqueológica, há décadas radicado na sede do distrito, polarizava inevitavelmente os prováveis achados² e seria natural que futuros programas de exploração local não viessem a articular-se com as actividades e a economia deste território, e portanto perderiam a vinculação à população de Vila Velha. Era urgente seguir duas direcções: incentivar a explorações arqueológicas e fixar neste território o espólio constituído.

Assim, menos de dois anos depois de iniciado esse primeiro mandato, o **Centro Municipal de Cultura** foi inaugurado, em 6 de Outubro de 1984. Embora corresponda a um *projecto da iniciativa dos órgãos autárquicos* precedentes, o Centro Municipal de Cultura, que inicialmente se

AÇAFA On Line, nº 4 (2011)

Associação de Estudos do Alto Tejo

www.altotejo.org

 $<sup>^{\</sup>rm 2}$  Já então tinham sido sediados no Museu Tavares Proença alguns elementos valiosos da arqueologia do Tejo.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

destinava a funções mais restritas, viu alargada a sua acção a mais amplos e diversificados objectivos [...]<sup>3</sup>.

Os actos da inauguração, presididos pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes, deram abertura a exposições de natureza muito diferente, cuja associação na mesma instituição representa bem a missão alargada que o Centro pretende assumir.

A instalação museológica dedicada à **arte rupestre**, combinando a exposição de peças de diversas proveniências (um bom número delas recolhidas ao longo dos anos e oferecidas pelo próprio Presidente da Câmara);

A exposição retrospectiva do pintor Manuel Cargaleiro, filho desta terra, até então generalizadamente desconhecido na região;

Figura 5. Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano I, nº 1, Fevereiro 1985, página 1.

BOLETIM DA CÂMARA MUNICIPAL ANO I - Nº. 1 - FEVEREIRO DE 1985 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA Centro Municipal DE ABERTURA de Cultura Com a presença do mais alto magistrado da Nação foi inaugurado, dia 6 de Outubro do ano findo, o CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA. cimentos mais relevan-tes da vida deste Corncelho. Novo edifício da Escola Preparatória e Pelo Presidente da Câmara Secundária Após diligências entre Pároco e a Câmara Municipal, oltará a funcionar o relogio da torre da igreja paroquial de Vila Velha de Ródão. Constatando-se a impossibielógio, a Câmara vai adquirir 1985 Ano Internacional da Juventude

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano I, nº 1, Fevereiro 1985, págs. 2-3.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins



Figura 6. Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano I, nº 1, Fevereiro 1985, página 3.



Figura 7. Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano II, nº 5, Maio 1986, página 1.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins

A exposição de uma valiosa **colecção única de gravuras** de autoria de um pintor inglês, testemunha e "repórter" da Guerra Peninsular, então oferecida à Câmara pelo Professor Juvenal Esteves, familiar do Presidente<sup>4</sup>;

Integraram ainda o programa, espectáculos que abrangeram o grupo *Trovante* e, inevitavelmente, grupos de música tradicional e filarmónicas da região.

Segundo as referências dos Boletins Municipais, desde logo se desencadearam actividades de variada natureza, como a constituição da biblioteca e de um arquivo documental (para a recolha de documentos municipais até aí dispersos), cursos de tecnologia audiovisual, e colóquios no âmbito da arqueologia.

Em Maio 1986, o Boletim Municipal dá notícia do termo de mandato da Comissão Instaladora do CMC, e inicia-se a constituição dos novos corpos gerentes, nos termos dos estatutos<sup>5</sup>, ao mesmo tempo que o Centro refere já a nova designação de **Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento**.

O Boletim continuará a documentar a acção camarária, contendo sempre em rodapé a vinculação ao CMCD, com a referência, em friso, às vertentes da sua acção: *Leitura, Arte, Arqueologia, Meios Audio-Visuais, Informática, Desporto, Etnografia, Cooperação*<sup>6</sup>.

Nesta referência está contido o panorama da acção do Centro que acolhe e gere recursos de diversas naturezas, enquanto promove e articula actividades em vários domínios, com um desígnio transversal: a cultura e os recursos endógenos da região constituem o eixo do desenvolvimento.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Estas componentes artísticas são o início de um fundo patrimonial de artes plásticas que virá a ser continuado ao longo dos anos, através de estratégias como a das *residências artísticas*.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano II, nº 5, Maio 1986, página 1.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Idem, Ano VII, nº 15, Janeiro 1992, página 1.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política Maria José Martins

Com um sentido certeiro, o símbolo adoptado para logotipo é uma das mais expressivas gravuras rupestres do Tejo: uma figura masculina venera (ou segura?) o sol.

O carácter multifuncional do CMC é a marca da vivência de Cultura do Presidente e o seu projecto para o concelho, tanto mais significativo, quanto se implanta num concelho pobre e deprimido [...]. Recorro novamente às palavras de Fernando Paulouro que sublinha: No meio da década de 80, foi pioneiro ao desenhar um horizonte cultural para o seu concelho<sup>7</sup>.

Para evocar a postura de José Baptista Martins perante a História e a Cultura, e o modo como ela marcou o seu exercício autárquico, designadamente no que se refere à Arqueologia, reuni alguns elementos que me parecem relevantes para caracterizar a lucidez e a determinação dessa política local, numa conjuntura histórica marcada tanto pelo peso de carências ancestrais, como por transformações de vária ordem, nessa altura ainda não claramente vislumbradas.

**AÇAFA On Line, nº 4 (2011)** 

Centro Municipal de Cultura e

b) GADIL - Gabinete de Apojo as

Desenvolvimento e Iniciativas Locais; c) API-RÓDÃO - Cooperativa de

Apicultores; d) Secção de Canoagem do C.M.C.D.. Esquemas não formais (de apoio): a) RODOLIV - Cooperativa de Azeites

b) Tágides Rodanenses - Associação

c) CENTA - Centro de Estudos de vas Tendências Artisticas; d) Posto de Informação do Instituto

O.C.M.C.D. desde a sua criação, tem O C.M.C.D. desde a sua criação, tem desenvolvido, no âmbito das secções atrás referidas ou através de actividades avulsas ou complementares uma acção criativa, e por vezes, inovadora, voltada para o desenvolvimento.

ACTIVIDADES DO C.M.C.D. De Agosto a Dezembro:

Visita guiada e reunião de trabalho inserida na "Jornada do Emigrante Rodanense".

DE ESTUDOS DE NOVAS

TENDÊNCIAS

O CENTRO de Estudos de Novas Ten-dências Artisticas - CENTA, com sede em Vila Velha de Ródão, promoveu de 7 a 17 de 1991 uma acção de formação que contou com a participação de seis jovens de

C. Branco, Lisboa e Vila Velha de Ródão.

Esta terceira acção de formação -Gestores de Teatro e Dança - foi subsidiada pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e pela Fundação Calouste Gulbenkian

Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão

Constituição e Actividades

O CENTRO Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão tem a sua sede e espaço funcional no edificio dos antigos Paços do Concelho,

no edificio dos antigos Paços do Concelho, recuperado e adaptado para o efeito, e foi inaugurado em 6 de Outubro de 1984, com a presença do Senhor Presidente da República e de entidades governamentais, regionais e locais das áreas civil, militar, religiosa e cultural. É uma associação privada sem fins

lucrativos que tem por objectivo fundamen-tal a preservação, divulgação e fomento dos

calores culturais, econômicos e sociais do valores culturais, economicos e sociais do Concelho, nele englobando as perspectiva do desenvolvimento, recreação e desporto. Para além de outros associados, são seus sócios efectivos natos todas as Associações do Concelho que prossigam, total ou parcialmente, objectivos da mesma natureza,

através de seu representante, factor relevante, na participação extensiva, diversificada e

na participação extensiva, diversificada e responsável que proporciona.

Durante os seus 7 anos de fun-cionamento, o Centro vem merecendo, cada vez máis, o apolo e reconhecimento por parte de todos, pelo efectivo trabalho desenvolvido , o qual muito tem valorizado o nosso Concelho -, através dos seus diversos sectores accidos entre os suais defataramos. contou com os anoios do Centro Munic al de Cultura e Desenvolvimento de Vila sectores e acçãos, entre os quais destacamos Associação Comercial e Industrial dos Velha de Ródão, Emilia Brás (modista) e Herdade de Tojeira. ectores e acçãos, entre os quais destacamos is seguintes:

1 - Arquivo Documental;

2 - Bibliotea;

3 - Secção de Arqueologia;

4 - Secção de Artes Plásticas;

5 - Secção de Entografia;

6 - Comunicação Tecnológica;

7 - Acção Extensiva, através de esquemas formaticas de formaticas. Conselhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Idanha-a-Nova. Com mais esta iniciativa, con Reuniões da Cooperativa de Habitação, "Encosta da Serra". Residências Artísticas que desde 1989 o Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas tem promovido em Vila Velha de - Reunião do Instituto de Emprego e Formação Artisticas tem promovido em Vila Velha de Ródão, e que proporcionaram já espectáculos, com o maior êxito local e nacional, como o "Projecto Tojeira/89" e o "Auto da Sibila Cassandra", este último visto por mais de formais e não formais: 3000 nessoas e realizado na área da Sr\*, da Figura 8. Boletim da Câmara Municipal de VVR Ano VII nº1, Janeiro 1992, página 6.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Jornal do Fundão, id.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política

Maria José Martins



Figura 9. Fotografando a Maratona de canoagem do Tejo - Barragem de Fratel, 1989.

Numa obra editada em 1996, César Oliveira (historiador e também autarca) traça o panorama da acção autárquica, na época em que o meu Pai exerceu estas funções. Enquanto se estabeleciam ainda as infra-estruturas básicas, especialmente nas zonas do interior, como é o

caso de Vila Velha, acentuava-se um processo de alteração do tecido produtivo, em que a terciarização das actividades se ia sobrepondo à actividade agrícola, processo esse acompanhado por outras transformações e desequilíbrios no seio do território nacional.

É perante tais fenómenos de mudança estrutural, que emergem novos desafios aos autarcas e que César Oliveira se interroga com apreensão, sobre se na maioria dos casos, os presidentes de câmara podem responder com eficácia, celeridade e modernidade [...] a novas exigências criadas e requerendo respostas inovadoras<sup>8</sup>. Segundo a sua visão, [o combate à] desertificação do país e ao avolumar constante da litorialização [...] passa [...também por] políticas municipais que [invistam] no imaterial (formação, animação urbana, cultural e desportiva)<sup>9</sup>.

Como remate desta evocação da figura e da acção do meu Pai, aponto ainda o Seminário realizado em Maio de 1993, *Cooperação e* 

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> OLIVEIRA, César, Que futuro para os nossos municípios? In: César Oliveira (dir.). História dos municípios e do poder local. [Dos Finais da Idade Média à União Europeia], Lisboa, Círculo de Leitores, página 514.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Id, ibid, página 515.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política Maria José Martins

Desenvolvimento Transfronteiriço – Zona Tejo/Ródão - Perspectivas de Futuro.

Foi um evento em que se debateu o modelo de políticas de desenvolvimento local, segundo o qual importa activar, potenciar e tornar significantes os recursos próprios, especialmente em zonas em que se cristalizou o fatalismo de serem *pobres* e se reforçou a concepção de que a cultura constitui um elemento integrante do processo de desenvolvimento<sup>10</sup>.

Deixo algumas palavras suas, produzidas no termo do mandato, em momento de despedida e com os seus bons votos para o futuro.

Nesse editorial do Boletim Municipal estão condensados os traços que marcaram o seu trajecto como autarca.

Figura 10. No Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço – Zona Tejo/Ródão - Perspectivas de Futuro, Maio 1993.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Actas do Seminário, Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, 1993, página 7.

Como as gravuras rupestres, que são marcas nas pedras, se gravam nas memórias e se podem gravar na acção política Maria José Martins

...[O] investimento - fruto de continuado esforço - maior relevo tem tido de ano para ano e exprime-se [...] em numerosas e importantes realizações no sentido do desenvolvimento no Concelho, considerado nas suas componentes de infra-estruturas básicas (rede viária, abastecimento de água, esgotos, arruamentos, etc.) e de acção social (económica, cultural, associativa, de recreio, de desporto e ambiental), tendendo tudo a promover a consciencialização da nossa própria identidade, a afirmação da nossa capacidade e dignidade, e reclamando os direitos que temos no enquadramento nacional<sup>11</sup>.

Maria José Martins
Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa,
Conselho Nacional de Educação

 $^{11}$  Boletim da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Ano VIII, nº 19, Novembro, 1993, página 2.

AÇAFA On Line, nº 4 (2011)

Associação de Estudos do Alto Tejo